

LETRAMENTO, IDENTIDADE E COTIDIANO ENTRE JOVENS XAKRIABÁ  
Carlos Henrique de Souza **Gerken** – UFSJ  
Ildete Freitas **Oliveira** – UNIMONTES  
Agências Financiadoras: CNPq e FAPEMIG

### Resumo

O artigo discute resultados produzidos pela pesquisa: “Letramento e cultura escrita em comunidades tradicionais e/ou rurais: índios Xakriabá, comunidades rurais da região metropolitana de Belo Horizonte e assentamento do MST, no Vale do Rio Doce e do Projeto” “Lições de Escrita entre os Xakriabá”. A pesquisa entre os Xakriabá procurou compreender o processo de letramento vivenciado por jovens que cursaram o terceiro ano do ensino médio da Escola Xukurank. A partir de uma perspectiva etnográfica, com base nos conceitos de eventos e práticas de letramento (Street, 1984, 1995, 2003, 2007), disponibilidade e acesso (Kalman, 2004), foram produzidas análises das práticas cotidianas e escolares de uso da leitura e da escrita e os modos pelos quais promovem renegociações simbólicas e identitárias.

Palavras-chave: Letramento, identidade, educação indígena.

Agência financiadora: FAPEMIG (Edital Universal), CNPq (Edital Ciências Humanas)

### Introdução

O trabalho pretende discutir resultados produzidos pela pesquisa: “Letramento e cultura escrita em *comunidades tradicionais e/ou rurais*: índios Xakriabá, comunidades rurais da região metropolitana de Belo Horizonte e assentamento do MST, no Vale do Rio Doce” e do Projeto “Lições de Escrita entre os Xakriabá”. Esses projetos têm como objetivos compreender as práticas, valores e concepções construídos sobre a escrita por parte de populações tradicionais. A pesquisa entre os Xakriabá procurou investigar os valores e práticas de uso da linguagem escrita entre jovens e adultos que cursaram o 3º ano do ensino médio da Escola Xukurank nos últimos três anos, bem como conhecer a prática de letramento da Aldeia Barreiro Preto entre os Xakriabá.

Para pensar o processo de letramento em curso nas aldeias Xakriabá como um processo que envolve a elaboração de estratégias culturais, simbólicas e cognitivas que atravessam e ultrapassam as atividades escolares, analisaremos as concepções e valores que os sujeitos atribuem às suas práticas enquanto construção de uma cultura escrita própria. A demarcação desse universo social nos remete à pergunta central deste trabalho: como se dá o letramento em comunidades onde predominam as trocas simbólicas por meio da linguagem oral e apenas uma geração de sujeitos letrados foi

produzida pelo recente processo de escolarização indígena? Pretende-se compreender os processos e condições pelas quais as práticas de letramento constituem e instituem as identidades de grupos sociais considerados “pouco letrados”, “analfabetos”, “analfabetos funcionais”, “excluídos da cultura escrita”, entre outras classificações que vivenciam nos últimos anos processos de escolarização que aumentam o número de sujeitos capazes de usar em seu cotidiano a linguagem escrita. Nosso interesse é descrever os modos ou estratégias de apropriação da escrita, e suas consequências nos processos de construção de disposições, crenças, valores, capacidades, habilidades e competências em relação à cultura escrita.

### **Letramento, identidade e cotidiano**

Faremos uma discussão sobre os conceitos de modelo ideológico, eventos e práticas de letramento (Street, 1984,1995, 2003, 2007), bem como os conceitos de disponibilidade e acesso (Kalman, 2004); conceitos que são essenciais na perspectiva dos Novos Estudos do Letramento que fundamentam nossa abordagem teórica.

Um dos maiores problemas contemporâneos para as ciências humanas é a compreensão das formas pelas quais os sujeitos se apropriam de forma individual e coletiva de instrumentos simbólicos, como a linguagem escrita. Muitos esforços educacionais e acadêmicos foram realizados com esse objetivo. Mais recentemente foram desenvolvidos os *New Literacy Studies*, um novo campo teórico aberto pela proposta de Brian Street (1984,1995, 2003), que considera o impacto social da aquisição da linguagem escrita numa determinada comunidade, procurando apreender a natureza das práticas sociais e os sentidos construídos pelos sujeitos nesse processo de apropriação.

Tal perspectiva inaugurou uma nova maneira de se estudar a linguagem escrita, pois desenvolveu a concepção de que não há uma única forma de letramento, mas vários processos que estão enraizados na cultura e nos contextos de práticas dos diferentes grupos sociais. O que ocorre quando se introduz a linguagem escrita numa cultura não é um fenômeno linear que segue etapas que podem ser pré-definidas. Antes, porém, o que se desenvolve no contato entre duas culturas, só é possível de se conhecer no contexto próprio da dinâmica concreta estabelecida no contexto de uso dos sistemas de signos.

Street (2007) comenta que quando uma pessoa frequenta um curso ou uma escola, ou se envolve num quadro institucional de práticas de letramento, seja por meio do trabalho, das relações sociais, ou do ativismo político, etc., ela está fazendo muito mais do que simplesmente decodificar um texto escrito, produzir ensaios ou escrever: ela está assumindo (ou recusando) as identidades associadas a essas práticas. Assim, as práticas de letramento além de poderem posicionar o sujeito, elas podem servir de lugares de negociação e de transformação, na medida em que as pessoas em diferentes posições recusam e negociam as posições que aparentemente lhe são atribuídas.

A partir desta referência conceitual, podem-se observar as constantes e emergentes configurações identitárias construídas por processos de trocas culturais e ressignificação de mundo, podendo dizer que as identidades são diversas e mutáveis, tanto nos contextos sociais onde elas são vividas, quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais elas ganham sentido. Desse modo, a ideia de identidade se interliga a noção de prática de letramento posto que essas somente ganham sentido e contorno de acordo com as relações sociais e o contexto cultural em que estão inseridos.

A fim de melhor explicar essa ideia, faz-se necessário trazer à luz a análise feita por Street (2007) em duas direções a respeito da relação existente entre pessoalidade/identidade e prática de letramento. Segundo o autor, os significados e usos do letramento em diferentes sociedades são semelhantes aos significados e usos da noção de pessoa, na medida em que ambos representam uma espécie de “*campus*” onde são visíveis tanto as estruturas dominantes quanto as ideológicas. Na segunda direção, o autor explica que o que vem a ser pessoa, em determinados contextos culturais é representado pelo tipo de prática de letramento em que a pessoa está comprometida. Dessa maneira, Street (2007) comenta que as organizações (inclusive a UNESCO) associam letramento com a ideia de pessoa brilhante em contraste com o “analfabetismo” e, ainda, sugere que isso é característico das maneiras como letramento e pessoalidade estão interligados em vários discursos culturais.

Nessa direção, a etnopsicologia de Nukulaelae (1991), apud Street (2007), considera o letramento como um relevante elemento na própria definição de pessoa, na medida em que ser capaz de ler e escrever é pressuposto na caracterização de uma pessoa socialmente competente. Nesse contexto, Street (2007) comenta que existem dois tipos de letramento diferentes, o associado ao discurso e o associado à redação de textos escritos. Cada uma destas formas envolve diferentes aspectos da pessoalidade/identidade. Nos discursos, as práticas de letramento trazem à tona a autoridade, a assertividade, enfatizando assimetrias de poder entre o escritor-pregador e a audiência. Por sua vez, as cartas pessoais, por exemplo, situam o sujeito num sistema de sociabilidade e preocupação para com os parentes mais jovens.

Desse modo, por exemplo, pode-se afirmar que existem diferentes formas de relação entre a cultura escrita e a cultura oral entre os Xakriabá, onde a cultura oral permanece como referência dominante. Observa-se, por exemplo, que leitores proficientes funcionam como mediadores do texto escrito, que é interpretado por outros sujeitos que não dominam os mecanismos de decifração da escrita, mas que possuem autoridade simbólica para fazer circularem sentidos e construir novas interpretações de documentos, da bíblia, das cartas, das informações que chegam pelas agências do estado, etc. Esse jogo de alternância e articulação resulta em formas próprias de construção, compartilhamento e transmissão de significados que, por sua vez, resultam em novos jogos identitários, posições e identidades grupais e individuais.

## Os conceitos de eventos e práticas de letramento

As pesquisas que se enquadram nos NLS ocorrem tradicionalmente com orientação etnográfica tendo centralidade dos conceitos de eventos e práticas letramento. Para descrever as práticas letradas, Heath inspirando-se no conceito de *evento de fala*, utilizado pelo sócio-linguista Hymes, desenvolve o conceito de *evento de letramento*. Para Heath (1982, p. 93);

O evento de letramento é uma ferramenta conceitual utilizada para examinar, dentro de comunidades específicas da sociedade moderna, as formas e funções das tradições orais e letradas e as relações coexistentes entre a linguagem falada e escrita. Um evento de letramento é qualquer situação em que um suporte torna-se parte integrante de uma interação entre participantes e dos seus processos interpretativos.

A análise de um evento de letramento (por exemplo, aulas, conferências e seminários) se dá por meio da descrição e questionamento sobre os usos e significados atribuídos pelos sujeitos aos materiais escritos. Quais os valores e concepções acerca do uso e não uso de suportes para textos escritos – como quadro negro, álbuns seriados, livros didáticos, data-show? Qual agência disponibiliza tais materiais? Em que contexto e com quais motivações políticas e institucionais os sujeitos são mobilizados a interagirem entre si? Quais as relações que os sujeitos estabelecem com as informações transmitidas e com os seus conhecimentos prévios? Como se dão os registros das informações?

Enfim, os eventos de letramento, antes de serem ‘trivialidades’, são comportamentos observáveis de sujeitos em interação, estando tais comportamentos imbricados de significado e estruturados em torno de uma gama de mediações sociais, seja por compor as interações, seja por elucidar os referenciais culturais dos sujeitos. Logo, referem-se às relações que se estabelecem dos sujeitos com os textos, os valores e as ações cognitivas que ocorrem, elucidando referenciais culturais que norteiam o processo de interação. Por outro lado, a prática de letramento refere-se a uma construção analítica em torno de um determinado conjunto de eventos de letramento que compõem uma dada interação, articulando as mediações sociais que compõem o contexto sócio-histórico e político da interação estudada.

Na mesma direção, Kalman (2004) estabelece uma distinção entre a disponibilidade e o acesso às práticas letradas. A disponibilidade denota a presença física dos materiais impressos, bem como sua infraestrutura de distribuição (bibliotecas, pontos de venda de livros, revistas, jornais; serviços postais, etc.). Já o acesso se refere às oportunidades concretas de participar de situações em que os sujeitos se colocam frente a frente com outros leitores e escritores, além das oportunidades e modalidades para aprender a ler e escrever. O acesso nos permite identificar como se dá a interação entre os participantes dos eventos comunicativos, quais são os desdobramentos de seus conhecimentos, concepções, bem como quais são os sentidos das práticas de leitura e escrita

adotadas pelos sujeitos. As relações estabelecidas entre os leitores e escritores com os textos, bem como as consequências dos usos estabelecidos são aspectos fundamentais para se pensar as vias de acesso. Outra preocupação é compreender as diversas modalidades de apropriação da leitura e da escrita: Como os grupos constroem os aspectos específicos – conteúdos, formas e convenções - de suas práticas de língua escrita? Quais são os processos de significação e procedimentos de uso estabelecidos pelos sujeitos? (Kalman, 2004)

Galvão (2007) frisa a explicitação do papel ativo dos sujeitos e dos grupos sociais nos processos de letramento como especificidade da terminologia. Há uma clara preferência por expressões como ‘participar da’, ‘relacionar-se com’ em detrimento de expressões como ‘inserir-se na’, ‘entrar na’ ou ‘ter acesso à (as)’ cultura(s) escrita(s), uma vez que “os indivíduos, ao mesmo tempo em que participam de certas culturas do escrito de uma dada sociedade, também são produtores ativos de outras formas – muitas vezes novas – de se relacionar com a leitura e a escrita que passam a caracterizar também a cultura escrita daquela sociedade” (Galvão, 2007, p.39).

Bartlett e Holland (2002) concebem o conceito de “espaço de práticas de letramento”, a partir de uma articulação entre o conceito de prática de Bourdieu, com a perspectiva histórico-cultural de Bakhtin, Vygotsky e Leontiev. Segundo as autoras, esta articulação permite enriquecer o conceito de práticas de letramento, que é central para o campo dos estudos sobre letramento.

De acordo com as autoras, a articulação teórica entre a antropologia cultural (Heath, 1984, Street, 1984), com a psicologia cultural (Scribner e Cole, 1981) e a sócio-linguística aplicada (Gee, 1990, Barton and Hamilton, 1998, Barton, 1994, Baynham, 1995) visa superar a perspectiva universalizante a partir da qual o fenômeno do letramento foi tratado nas décadas de 1960 e 1970. Tal especificidade conceitual compõe o sentido etnográfico que a produção deste campo apresenta, com os conceitos de práticas e eventos de letramento contemplando os usos sociais da leitura e da escrita.

Tomando como referência esses conceitos, o objetivo do trabalho é compreender as práticas sociais de uso da linguagem escrita por parte de jovens e adultos que concluíram ou estão concluindo o 3º ano do ensino médio na escola indígena Xukurank<sup>1</sup> entre os Xakriabá. As perguntas que orientaram a pesquisa podem ser definidas nos seguintes termos: quais os lugares que a leitura e a escrita ocupam na vida cotidiana dos sujeitos Xakriabá que cursam ou concluíram o 3º ano do ensino médio? Quais são os determinantes sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais que estruturam tais momentos cotidianos, de modo que possamos tratá-los enquanto práticas de

---

<sup>1</sup> A Escola Indígena Xukurank é uma das Três escolas que organizam as mais de 34 unidades escolares existentes nas respectivas aldeias Xakriabá. Localiza-se na Aldeia do Barreiro Preto, uma das aldeias mais populosas da Terra indígena Xakriabá.

letramento? Quais as concepções, valores e expectativas que estes sujeitos apresentam acerca de suas práticas de leitura e escrita?

### **Olhar, ouvir e escrever**

A preparação para o trabalho no campo na perspectiva etnográfica consiste em uma reeducação do olhar e da intuição através de discussões teóricas. Busca-se a abertura para elementos específicos da cultura do outro a partir da conscientização e questionamento da nossa própria cultura, bem como do olhar que esta nos condiciona a lançar sobre este outro.

Oliveira (1998) sintetiza a perspectiva antropológica em três palavras chave: olhar, ouvir e escrever. O que diferencia estes atos cognitivos no fazer antropológico é justamente o trabalho de domesticação reflexiva que o pesquisador faz de sua percepção e intuição, de forma que estas se mostrem capazes de reconhecer nos detalhes imperceptíveis ao olhar destreinado, as mediações sociais que compõem o objeto de estudo. Neste sentido, buscou-se nas jornadas de campo fazer a descrição de como os eventos e práticas de letramento estão inseridos no cotidiano da Aldeia Barreiro Preto da Terra Indígena Xakriabá, refletindo sobre como os diferentes sujeitos indígenas participam das diferentes atividades cotidianas e quais os processos de socialização privilegiados.

Os dados foram coletados em três inserções na comunidade, por meio de observações participantes, registros audiovisuais das práticas e eventos investigados, além de entrevistas abertas, feitas individual e coletivamente, registradas em áudio e/ou diários de campo. Utilizou-se a observação participante do contexto escolar, familiar e comunitário; foram realizadas entrevistas abertas com alunos, professores, lideranças e membros da Aldeia do Barreiro Preto, nas quais a narrativa foi tomada como forma privilegiada de acesso às significações construídas.

Um último elemento de nossa atuação foi verificar as expectativas dos jovens – homens e mulheres - a respeito da aquisição da escrita, constituindo informações para a sistematização dos valores e concepções por eles construídas em torno das práticas de letramento. Tal momento é o que aponta mais diretamente para a situação de entrevista, que, por sua vez, é um elemento tão constituinte do fazer etnográfico quanto à observação.

A escola Xukurank *locus* principal desta pesquisa, formou em dezembro de 2003 a sua primeira turma do Ensino Fundamental. Os dados levantados na presente pesquisa mostram que a escola formou em 2009, vinte alunos; em 2010, dezenove e, em 2011, onze. No mesmo período no Ensino Médio formaram-se, em 2009, oito alunos; em 2010, treze; em 2011, sete. (Dados fornecidos pela Diretoria da escola Xukurank, 2011).

A partir do contato com a comunidade e com esses alunos, é que foi possível desenvolver e analisar os dados que estão organizados em cinco categorias de análise que correspondem aos espaços geradores de demanda de uso da linguagem escrita.

### **O letramento dos alunos e ex-alunos do terceiro ano da Escola Xukurank**

Norteados pela tarefa de verificar como os jovens Xakriabá participam e constroem as práticas de letramento junto à comunidade, bem como perceber quais são os valores e sentidos por eles atribuídos em torno do uso da linguagem escrita, observou-se a existência de vários espaços geradores de uso da linguagem escrita (Kalman, 2004) que mostraram uma estreita relação com o processo de reconstrução da identidade indígena destes jovens que são: o uso escolar; a participação em redes sociais e o uso da escrita mediado pelo computador e a internet; a casa e o trabalho; e o uso da escrita como forma de preservar a trajetória individual e a memória coletiva.

### **Os usos da linguagem escrita no contexto escolar**

Observou-se que existem muitas formas de utilização da linguagem escrita no contexto escolar. Embora haja uma predominância da cópia de textos que os professores escrevem no quadro, Arlindo<sup>2</sup>, professor de língua portuguesa, afirma que são realizadas outras atividades em sala de aula, como revisões, leituras coletivas, produção de textos por meio de relatórios de atividades realizadas nos projetos da aldeia, de viagens da turma para fora da área indígena e de entrevistas sobre a cultura indígena feitas com as pessoas mais velhas. Nesse ponto, pode-se perceber que os usos escolares da língua escrita acompanham as diferentes dimensões cotidianas que têm sido demandadas aos Xakriabá nos últimos anos, que envolvem uma intensificação de sua participação nas atividades do movimento indígena fora das aldeias e nos projetos de sustentabilidade da Terra Indígena Xakriabá.

Observou-se, por exemplo, que a escola solicitou várias vezes aos alunos do ensino médio que fizessem relatos dos seminários que ocorreram na aldeia para prestação de contas das atividades da prefeitura, que é governada por um Xakriabá, e outros encontros para avaliação da questão da educação e da saúde na comunidade indígena. Esses relatos são objetos de trabalho em sala de aula, fazendo com que a escrita se transforme num instrumento concreto de apropriação do real social.

Há também a produção de textos sobre as leituras realizadas. O material que subsidia essas atividades é disponibilizado na biblioteca da escola que conta com um acervo composto, em sua maioria, por livros das coleções do PNBE (Programa Nacional de Bibliotecas Nacionais), recebidos diretamente do governo ou doados por outras bibliotecas. São títulos no campo da literatura

---

<sup>2</sup> Nome fictício, assim como todos os nomes de sujeitos entrevistados citados neste trabalho.

nacional e internacional, dicionários, enciclopédias, e outros livros didáticos que são utilizados como suporte para as atividades de ensino, além dos livros de autoria dos próprios Xakriabá.

Noel, professor de literatura e cultura indígena fala sobre o acesso à biblioteca e como as atividades de sala de aula são estruturadas:

*E: Como é que você trabalha com a biblioteca dentro da escola?*

*N: A biblioteca eu, tens uns livros que as vezes tem, que eu dou algum trabalho pra eles e aí eu falo com eles: vocês procuram o livro lá, tal livro de literatura e aí lê e aí anota numa folha pra mim é, o nome do livro, o título do texto que leu, o autor e aí faz um pequeno resumo do texto que leu, o texto contava a história disso e disso, o que aconteceu no meio da história, no final da história, aí eles me entregam o papelzinho... Aí eles pegam o livro, lê e depois devolve. Aí tem livro de literatura, tem vários estilos, tem conto, novela, tem poesia, tem, aqueles textos grandes. Eles não gostam não, preferem texto menor. E aí é mais ou menos assim (Noel, Barreiro Preto, 2010)*

Apesar de a escola disponibilizar diversos tipos de materiais escritos, o acesso dos alunos a eles é predominantemente voltado para as atividades escolares. Nesses momentos é preciso construir uma dinâmica própria que corresponda à necessidade e ao ritmo dos alunos. Eliana, aluna do terceiro ano da turma de 2009, relata haver momentos em que a aula se torna cansativa pelo uso constante das atividades de leitura e escrita, momento em que as atividades são interrompidas para serem desenvolvidas outras dinâmicas e brincadeiras para descontração:

*“(...) vira uma diversão na sala, torna-se uma diversão, e às vezes a gente vai escrevendo, vai cansando, só lendo, cansando, resolve umas brincadeira de uma hora pra outra, vira uma dinâmica na sala que todo mundo possa participar. Que vai indo vai indo, dá sono, aí: vamos fazer uma brincadeira? Vamos! Aí brinca todo mundo e continua a aula de novo.” (Eliana, Barreiro Preto, 2010)*

É preciso lembrar que, em sua maioria, os alunos são trabalhadores rurais e se dedicam a trabalhos domésticos, e que essas atividades não demandam o uso cotidiano da linguagem escrita. Fora da escola, os usos da escrita e da leitura ocorrem em situações específicas em que a sua mediação se faz necessária e emergem, sobretudo, no contexto de jovens estudantes que assumem, indicados pela comunidade, postos de trabalho como agentes de saúde e de saneamento nas agências do Estado que se instalaram na Terra Indígena Xakriabá.

Outras disciplinas que são trabalhadas na Escola Xukurank constituem-se em espaços para discussões promovidas em sala, mediações entre a vida dos alunos e a história cultural Xakriabá. Em uma observação feita no terceiro ano do Ensino Médio, um episódio chamou-nos atenção. Durante a leitura de um texto que dizia respeito às leis nacionais sobre os direitos indígenas, uma das alunas da turma lembrou-se da luta de seu povo na conquista de suas terras e questionou aos demais colegas se a luta havia acabado, provocando uma discussão política sobre as lutas contemporâneas dos Xakriabá. Prontamente, outros alunos se manifestaram e trouxeram para a

discussão episódios outrora vivenciados pelos antigos índios Xakriabá. (Diário de Campo, Fevereiro, 2010).

Além dessas atividades que propiciam a articulação entre os eventos e práticas escolares de letramento e o meio sociocultural, existem outras que estabelecem a mesma função. São elas: a produção de relatórios acerca dos projetos realizados na aldeia, elaboração de memoriais e a realização de pesquisas na biblioteca através dos livros do acervo e pelos computadores que dão acesso à internet. Estas atividades além de incitarem os alunos a participarem do meio social em que vivem e a elaborarem a própria cultura, possibilitam o acesso ao conhecimento existente na sociedade brasileira em diferentes campos do saber.

Dentre as tarefas supracitadas, foi possível ter acesso ao memorial construído por uma jovem do terceiro ano do Ensino Médio. Por meio das 26 páginas escritas, a aluna se debruça sobre sua trajetória escolar, cursos técnicos, participação nos projetos comunitários e ambições na vida profissional. Em vários momentos no texto, a jovem narra episódios, vivenciados por ela e colegas, que ilustram o encontro entre diferentes sujeitos étnicos e sociais. Sobre isso, Dolores fala: *“Eu sou uma pessoa que não viajo muito, mas de vez em quando eu participo de seminários, encontros, protestos, conferências entre outros. Sempre que participo é algo ligado a terra, água, reflorestamentos, retomadas”*. (Trecho do memorial, Março de 2010).

Retomando aos dados do memorial de Dolores, a jovem comenta, sobre a sua participação na aldeia e sobre algumas de suas expectativas com relação à sua vida acadêmica. *“O curso de formação jovem agricultor faz você acreditar mais no seu potencial, mostra que você tem capacidade de adquirir novos conhecimentos e incentiva sobre os nossos direitos [...] ele promove reivindicações e também os professores querem saber se realmente estamos preparados para saber nos defender”*. (Trecho memorial, março de 2010).

Eder (2003) afirma que o reconhecimento de um povo é fundamentado em narrativas de vitórias ou derrotas que definem um mundo comum de significados distinguindo o “nós” dos “outros”. Observa-se que esse trabalho de construção identitária por meio do uso da linguagem escrita na escola é de suma importância para a vida desses jovens indígenas. Desse modo, a escola é vivida não apenas como espaço de transmissão e aprendizagem do conhecimento legitimado pela sociedade brasileira, mas e, sobretudo, espaço de reelaboração de identidades sociais e políticas.

### **A participação em redes sociais e o uso da escrita mediado pelo computador e a internet**

Outra relação com a escrita que se pôde observar na escola é realizada através do uso do computador que a escola possui na sala da diretoria. Esse computador tem acesso via satélite à

Internet e é usado tanto pelos funcionários da escola quanto pelos alunos e até mesmo pelos demais moradores da aldeia. A sala fica aberta durante todo o expediente da escola e o computador fica ligado por todo esse tempo. As pessoas têm acesso livre à máquina, não havendo restrição de uso. No ano de 2010, instalaram-se novos computadores e pontos de internet na biblioteca, com os alunos e comunidade passando a usá-los preferencialmente neste ambiente. Noel, em 2009, disse que os alunos utilizam esse recurso para pesquisar assuntos relativos às aulas. Eliana relata como é sua relação com esse recurso tecnológico:

*E: Você costuma entrar na internet?*

*El: Costumo, quase todo dia eu vou lá na internet.*

*E: E o que você gosta?*

*El: Pesquisar, fazer pesquisa assim, na maioria das vezes é pesquisa que os professores passam pra gente, eu vou lá pesquisar, imprimo. Às vezes escrever alguma coisa assim digitado, né?(Eliana, Escola Xukurank, 2010)*

Os perfis dos alunos Xakriabá realizados em sites de relacionamento são espaços de ressignificação da identidade indígena com o uso da língua Xakriabá que está sendo reinventada por meio de pesquisas realizadas pelos moradores mais velhos e pelos alunos. Os alunos também expõem fotos de atividades indígenas, como danças e festas, onde ocorre o uso de vestimentas e pinturas tradicionais. Afirmam que aprendem a trabalhar com o computador por meio do contato com pessoas da própria aldeia que já dominam esse instrumento. Nesse processo de apropriação de uma nova tecnologia, ocorre uma articulação muito interessante entre o uso da escrita e a comunicação oral. Observa-se que existe a intenção de reproduzir diferentes dimensões da tradição da aldeia por meio da escrita. A oralidade está em constante contato com a língua escrita, o que produz práticas de letramento próprias dos Xakriabá onde a escola se converte em lugar importante de reflexão sobre a linguagem escrita. Por meio destas práticas os alunos se comunicam com pessoas de vários lugares, índios e não índios, trocando mensagens e significados socioculturais. Assim, as redes contemporâneas de comunicação tornam-se exemplos de fronteiras sociais e étnicas em que, por um lado, ocorre uma intensa interação entre os sujeitos, mas, por outro, há também a preservação da identidade. (BARTH, 1998). Isso pode ser evidenciado no modo como os jovens Xakriabá constroem seus perfis nas redes usando os nomes com significados em sua língua indígena ao invés do sobrenome de família, por exemplo. *Wahã kn*, que significa, eu sou assim; e *ciprede kurinã*, que significa grande índio, são frases na língua Akwê<sup>3</sup>, usadas por um jovem Xakriabá como seu contato em uma rede social de bate papo. Estas práticas representam um movimento dialético onde se pode observar, de um lado, modificações de seus sistemas de representação ao serem introduzidos em novos espaços de trocas simbólicas e, de outro lado, a afirmação de sua própria

---

<sup>3</sup> A Língua AKWÊ está sendo tomada de empréstimo dos Xerente para a recriação de uma “língua” Xakriabá, que paulatinamente começa a ser usada nas trocas entre os Jovens e em momentos de rituais.

identidade por meio da construção de novos signos, e da reinvenção das formas de auto-identificação e de trocas entre os pares.

### **Os usos da linguagem escrita na casa e no trabalho**

O espaço das trocas familiares também possui uma dinâmica que demanda o uso da linguagem escrita. Nas casas que visitamos pudemos observar particularidades que são decorrentes de necessidades específicas colocadas pela história e situação pessoal de cada aluno, bem como das suas formas de inserção no contexto da comunidade. As casas são repletas de materiais escritos, desenhos e cartazes que são colocados nas paredes. As mesas da cozinha e da sala são cobertas com plásticos transparentes sob os quais são disponibilizados permanentemente materiais escritos que vão desde poemas, avisos de reuniões, listas de compras, número de telefones de pessoas importantes para o relacionamento familiar, bem como desenhos de crianças e outras formas de registro escrito do cotidiano. Observa-se, deste modo, que a mediação da escrita já faz parte do cenário cultural Xakriabá. Em poucas casas observou-se a presença de livros que são lidos pelos alunos. Existe disponibilidade de um conjunto de textos que os próprios Xakriabá produziram sobre a sua história recente de lutas para conquista da terra, além de outros textos onde existem narrativas dos mais velhos. Estes textos são lidos e relidos na escola e fora dela e se tornaram emblemáticos porque sinalizam o momento em que a escrita passou a ser um novo instrumento de reflexão e registro da própria história, compondo os primeiros textos do que pode ser chamado de uma literatura Xakriabá.

Nas visitas às casas dos moradores da aldeia Barreiro Preto, percebemos muitos textos e frases escritos ou colocados em lugares aonde qualquer pessoa que chegasse ao local pudesse ver. Na casa de João, aluno recém-formado no Ensino Médio, observou-se nas paredes e em objetos, trechos da bíblia, nomes dos integrantes da família, certificado de conclusão de curso, enfim, vários tipos de textos que compõem a decoração da casa. Abaixo, duas fotos que ilustram esse cenário.

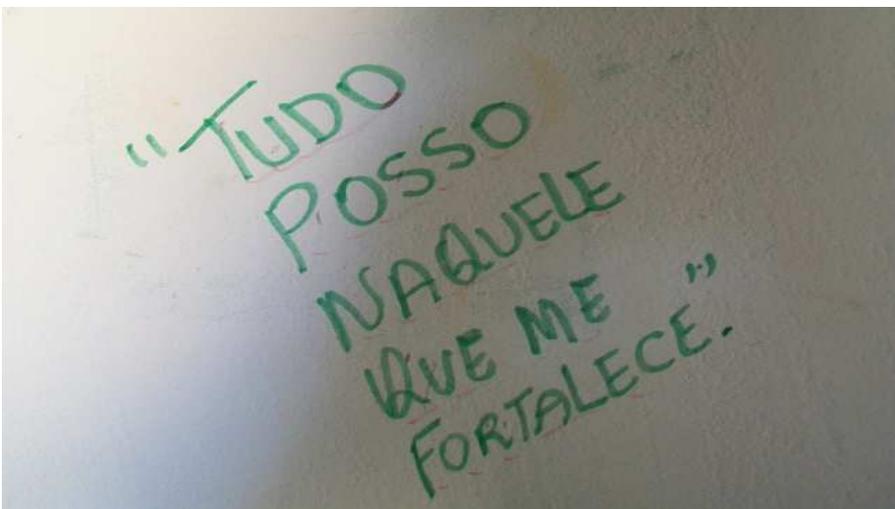


Foto 3<sup>4</sup>: Trecho da Bíblia escrito na parede da casa de João; Caderno de campo, 06/2011.



Foto 4: Casa do João - Certificado de Conclusão<sup>5</sup> - 06/2011.

Ao perguntarmos o motivo pelos quais aquelas frases e quadros estavam nas paredes, João respondeu: “*O quadro (certificado) é porque é um orgulho pra mim mostrar pra todo mundo que agora eu já estou formado, né? [...] as palavras da bíblia é pra proteger a casa e os outros é pra enfeitar mesmo*”. (Entrevista, Diário de Campo, Junho de 2011).

A questão do orgulho foi salientada diversas vezes durante as entrevistas e em outras oportunidades. Para esse jovem, a apropriação da linguagem escrita, agora representada pelo quadro na parede, além de significar a conquista de autonomia nas relações de trabalho e em outras situações cotidianas onde a escrita é demandada, pode ser relacionada com o que Street (2007) denomina de personalidade. Na medida em que a exposição da linguagem escrita nas paredes representa a mudança de seu lugar social e a expectativa de reconhecimento pelo outro destas novas possibilidades de trocas simbólicas. Sobre isso o jovem comenta:

*“Quando eu quase não sabia escrever e lia pouco também eu sentia muita dificuldade no trabalho [...] eu não sabia preencher as fichas, desenvolver o trabalho e passar pras pessoas que trabalham com a gente, que é o povo da gente [...]. Hoje não. Eu dou uma lida ali e consigo realizar mais fácil aquele trabalho que eu achava difícil. Até mesmo os colegas meus que trabalham, que têm pouco estudo, eles pedem pra gente dar uma força pra eles, ajudar a preencher as fichas [...] aí a gente pode dar essa força também pra ajudar”*. (João, Barreiro Preto, março de 2010).

### **O uso da linguagem escrita como instrumento de recuperação e preservação de memórias**

Existem outros momentos de uso da linguagem escrita que se referem diretamente às formas em que é usada como um meio de promover o resgate e a manutenção da memória da trajetória pessoal e de fatos que marcam a história e cultura Xakriabá. Um evento que pode ser observado entre as

<sup>4</sup> “Tudo posso naquele que me fortalece”.

<sup>5</sup> “Certificado de Conclusão - “A Escola Estadual Indígena Xukurank, certifica que “o aluno tal” concluiu o 3º ano do Ensino Médio em 28 de dezembro de 2010, Aldeia Barreiro Preto – São João das Missões – MG”.

jovens é a construção de diários pessoais que carregam traços do grupo como um todo. Sobre isso, Dolores nos revela:

*“... Gosto de escrever e gosto de ler. Escrevo sobre a minha vida, sobre o que estudo. Tenho um diário que é igual ao memorial. É o registro das coisas que aconteceram comigo. A gente nunca esquece, mas é bom guardar. Aprendi com as minhas irmãs mais velhas. Pode servir até mesmo com os filhos... o que o pai contava da época das lutas da terra da reserva. É mais pra deixar para os filhos...”.* (Dolores, Barreiro Preto, Junho de 2011).

O trecho acima corrobora a ideia de que a linguagem escrita por vezes aparece como um momento de fruição, de prazer e, ao mesmo tempo, como instrumento de reconstrução da trajetória pessoal, onde são marcadas passagens que merecem ser registradas e preservadas para serem transmitidas às futuras gerações, e como registro das memórias coletivas do grupo. Representam um tipo de letramento que, segundo Street (2007), além de inserir o sujeito num sistema de sociabilidade, demonstra a preocupação destes para com seus parentes mais jovens. Essa maneira de utilizar a linguagem escrita é explicitada por Sônia, jovem já formada no Ensino Médio, da seguinte forma:

*“Eu acredito assim, mesmo aliando a escrita com os nossos contos, com as nossas histórias e conversas, eu acho que essa foi a oportunidade de registrar aquilo que nós já tínhamos, né? Em valores de fala, de povo mesmo, de pessoas. Até porque nossos mais velhos, a maioria não teve essa oportunidade da escrita, né [...].quando a gente fala em colocar em escritas as coisas que os mais velhos nos contavam, nos contam, eu acho que esse é o momento de reviver o nosso passado, para ter um melhor presente e tentar um melhor futuro. Então, é com muito prazer que a gente faz esses registros, porque é o momento de valorização do nosso povo e de deixar escrito na história a nossa luta”.* (Sônia, Barreiro Preto, março de 2010).

Além disso, essa modalidade de uso da escrita nos remete ao que Santos (1994) afirma sobre a importância da reconstrução, no plano imaginário, da experiência vivida no contato com o outro, na elaboração da identidade étnica. O uso da linguagem escrita representa uma nova possibilidade de reconstrução das trajetórias singulares e da memória coletiva, resgatando fatos marcantes e construindo novas narrativas sobre os momentos de lutas do passado recente deste povo.

### **Considerações finais**

O processo de letramento dos alunos do terceiro ano do ensino médio da aldeia Barreiro Preto apresenta uma complexidade de práticas que estão relacionadas a diferentes dimensões do cotidiano e ao intenso trabalho de reconstrução da identidade destes jovens. Por um lado, pode-se mostrar que os usos escolares da linguagem escrita estão em estreita sintonia com as demandas sociais e políticas da sociedade Xakriabá, possibilitando articulações com os movimentos sociais e com o trabalho político desenvolvido pelos indígenas em sua relação com o Estado. Por sua vez, os espaços que estão sendo conquistados por meio do uso de computadores ligados à internet se convertem em mais uma oportunidade de reafirmação da identidade étnica dos Xakriabá. Além

disso, as demandas por novas profissões têm criado novas oportunidades de uso da escrita no campo da saúde e da Educação. Ao mesmo tempo, chama atenção o uso da escrita como forma de construção de narrativas em diários e memoriais que são expressões do contínuo trabalho de reconstrução da identidade destes jovens. Para terminar registramos a existência de sujeitos que, desvinculados de dimensões que demandam o uso da escrita, se voltam para a recuperação de usos escolares, percorrendo os mesmos textos, os mesmos livros a fim de não perderem os vínculos com a escrita. Acredita-se que a entrada de vários alunos Xakriabá no curso de graduação indígena oferecido pela UFMG, constitui uma grande conquista no campo do letramento acadêmico destes jovens, constituindo-se em mais um espaço de práticas importante de ser investigado.

### Referências Bibliográficas

- BARTLETT, L. HOLLAND, D. Theorizing the Space of Literacy Practices. Disponível em [http://www.tc.columbia.edu/faculty/bartlett/publications/pdf/2\\_1WOK.pdf](http://www.tc.columbia.edu/faculty/bartlett/publications/pdf/2_1WOK.pdf) (08/07/2010)
- BARTON, D. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Blackwell: Oxford, 1994.
- BARTON, D; HAMILTON, M. *Local literacies: Reading and writing in one community*. Routledge: London, 1998.
- BAYNHAM, M. *Literacies practices investigating: literacy in social contexts*. Routledge: London, 1995.
- EDER, K. *Identidades coletivas e mobilização de identidades*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, n 53, 2003.
- GALVÃO, A. M. O. *Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita*. In: Galvão, A.M.O. (Org). *História da cultura escrita: Séculos XIX e XX*. Autêntica. 2007
- GEE, J.P. *Orality and literacy: From the savage mind to ways with words*. In *Social Linguistics and literacy: ideology in discourses*. London, Falmer Press, 1990.
- HEATH, S.B. *What no bedtime Story Means: Narrative skills at Home and School*. *Language in Society*, nº 11, p. 49-76, 1982.
- KALMAN, J. (2004). *Saber lo que es la letra*. México: Siglo XXI editores, p. 190.
- OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP/ Paralelo 15, 1998.
- SANCHIS, P. A crise dos paradigmas em Antropologia. In: DAYRELL, J. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 23-38.
- SCRIBNER, S., COLE, M. *The psychology of literacy*. Cambridge : Harvard University Press, 1981.
- STREET, B. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*, Vol. 5(2) 2003.
- STREET, B. V. *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London and New York: Longman, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas interculturais sobre o letramento*. Revista Filologia lingüística Portuguesa, n. 8, p. 465- 488. 2007. Tradução, Marcos Bagno. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlev/lport/flp/images/arquivos/FLP8/Street.pdf>.